



Gênero e Tendências Contemporâneas: uma análise do Seminário Internacional “Desfazendo Gênero”

Gender and Contemporary Trends: an analysis of the international seminar “Undoing gender”

THAYSI CRUZ DA COSTA*

RITA DE LOURDES DE LIMA**



RESUMO – Este trabalho objetiva analisar como vem se dando, contemporaneamente, a discussão sobre a categoria gênero. Para tanto, buscou-se fazer uma análise das produções publicadas nos anais do Seminário Internacional Desfazendo Gênero, realizado em 2013 em Natal (RN). Esse evento objetivou discutir a categoria gênero e, como próprio nome sugere, “desconstruir/desfazer o gênero”. Ou seja, percebe-se a influência da Teoria Queer na concepção do encontro a partir do próprio título. O critério estabelecido para a escolha da amostra foi priorizar comunicações orais em que contivesse a palavra “gênero” em seu título, tendo em vista que é o foco da nossa discussão. Foram analisados 51 trabalhos e verificou-se a predominância de análises ligadas à Teoria Queer. Nesses estudos, baseados em perspectivas subjetivistas, há, a nosso ver, uma valorização excessiva do discurso, incentivando o individualismo e a superficialidade, favorecendo, portanto, a ordem do capital.

Palavras-chave – Gênero. Marxismo. Pós-modernidade. Seminário “Desfazendo Gênero”.

ABSTRACT – This study aims to examine how the discussion about gender category has been going on currently. For that, we seek to analyze the published productions in the annals of the International Seminar “Undoing Gender”, held in 2013, in Natal (RN), because it is an event which discusses the gender category and as the event's name suggests, the proposal is “deconstruct / undo the genre”, that is, we see the influence of queer theory since event the title. The criterion for choosing sample was oral communications that contained the word gender in its title, considering that this is the focus of our discussion. It analyzed 51 works and it found the prevalence of analyzes related to queer theory. In these studies, that are based on subjectivist perspectives, there is, in our view, an excessive appreciation of speech, encouraging individualism and superficiality, favoring therefore the order of the capital.

Keywords – Gender. Marxism. Postmodernism. “Undoing Gender” Seminar.

* Assistente Social. Mestranda em Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal - RN/Brasil. CV: <http://lattes.cnpq.br/0940096338037534>. E-mail: taysy1@hotmail.com.

** Doutora em Serviço Social. Professora do Departamento de Serviço Social e da Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN/Brasil. CV: <http://lattes.cnpq.br/4393150155693864>. E-mail: rita.pires2@gmail.com.

Submetido em: maio/2015. Aprovado em: setembro/2015.

As discussões acerca de gênero estão sempre envoltas de incertezas sobre que rumo tomar ou que perspectiva teórica assumir para melhor expressar a postura do/a pesquisador/a. Afinal, essa é uma categoria muito ampla que se dissemina por diversas vertentes e campos do conhecimento, sendo necessário estar atento para não cair em certas armadilhas que nos induzam a ser meros reprodutores das aparências.

Dessa forma, é importante apreender a conjuntura do cenário contemporâneo e suas inflexões no campo acadêmico, na forma como a realidade vem sendo interpretada por seus métodos de análises. As tendências denominadas pós-modernas ganham cada vez mais espaço, não só nas discussões sobre gênero, mas na sociedade como um todo. O acirramento das desigualdades, o culto ao individualismo exacerbado e ao momento presente, a mercantilização da vida social em todos os seus aspectos, um cenário de crescente alienação e segmentação dos sujeitos, fomentados pelo sistema capitalista – estruturam uma conjuntura de barbarização social e de negação dos interesses de classe, que possibilita a emergência do pensamento pós-moderno. Essa fragmentação e desconexão dos sujeitos, a perda da história e dos sentidos da vida social estão presentes no pensamento pós-moderno, que busca “constituir novos discursos, caracterizados pela atenção teórico-político temporária e circunscritos a uma narrativa meramente descritiva” (SANTOS, 2009, p. 79).

Esse mesmo cenário possibilitou o surgimento, nos anos 1980, dos denominados “novos” movimentos sociais (mulheres, negros, LGBTs) que, partindo de demandas específicas – necessárias e imprescindíveis – deslocam as lutas sociais do campo da luta de classes – espaço, hegemonicamente, influenciado pelo pensamento marxista. Assim, a relação entre o movimento de mulheres feministas com o pensamento marxista, que sempre foi conflituosa, ganha novas nuances, agora também sob influência do pensamento pós-moderno. É nesse conjunto de relações e interações que surge e se dissemina a categoria gênero, que passa a ser apropriada pelas feministas, das mais diferentes concepções teóricas, entre as quais feministas marxistas e feministas pós-estruturalistas.

Mediante esse processo, o que buscamos com este trabalho é analisar de que forma a discussão sobre a categoria gênero se dá no interior do movimento feminista, particularmente entre as pensadoras marxistas e as pensadoras pós-modernas. Tentamos delimitar o objeto da nossa pesquisa para que, metodologicamente, tivéssemos condições de alcançar nosso objetivo. Para tanto, optamos por realizar uma análise das produções, de comunicação oral, publicadas nos anais do evento Seminário Internacional Desfazendo Gênero¹, uma vez que ele objetivou discutir a categoria gênero e, como o próprio nome do evento sugere, a proposta é “desconstruir/desfazer o gênero”. Percebe-se, assim, a influência da Teoria Queer na concepção do encontro desde o título. Além disso, ele é um dos mais recentes eventos sobre a referida temática e está em sua primeira versão.

Nesse sentido, este trabalho foi organizado da seguinte forma: primeiramente, apresentamos uma breve abordagem da discussão sobre a trajetória sócio-histórica da categoria gênero e algumas considerações sobre a perspectiva marxista e a pós-moderna. Em seguida, apresentamos e analisamos os dados coletados na pesquisa.

Gênero, uma categoria em disputa: algumas perspectivas e tendências teóricas

Antes de iniciarmos a análise das produções publicadas nos anais do evento Desfazendo Gênero, acreditamos ser importante apreender de que forma a categoria gênero foi se constituindo e quais os determinantes e perspectivas de análise que fizeram parte desse processo. Dessa forma, apresentaremos aqui uma breve discussão sobre a trajetória sócio-histórica dessa categoria, bem como os embates teóricos entre o campo marxista e o pós-moderno.

Segundo Lima (2012), os estudos sobre gênero surgiram após a década de 1960, quando Robert Stoller realizou formulações sobre essa temática. Entretanto, só vieram a ganhar visibilidade em meados

de 1975 com a publicação do artigo: “O tráfico de mulheres: notas sobre a ‘economia política’ do sexo”, escrito por Gayle Rubin.

No meio acadêmico, a discussão sobre gênero teve forte influência da historiadora estadunidense Joan Scott com o seu texto “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”. Nele, Scott aponta os significados que a categoria gênero foi constituindo em determinados processos ao longo dos anos. Imbuída pelos referenciais de Michael Foucault, Scott discute gênero “enquanto a primeira forma de manifestação de poder materializada em quatro dimensões (simbólica, normativa, organizacional e subjetiva) inter-relacionadas, que para ela são indispensáveis à compreensão da subordinação feminina” (QUEIROZ; DINIZ, 2012, p.192).

Nesse sentido, para Scott a dimensão simbólica é entendida a partir das representações contraditórias, como o exemplo da virgem Maria e Eva: a primeira representa a pureza e a bondade e a segunda, o pecado. A dimensão normativa é expressa nas condutas religiosas, normas educativas e leis. A organizacional refere-se às instituições sociais, nas quais se legitimam as desigualdades entre homens e mulheres. Já a dimensão subjetiva diz respeito à forma como são interiorizados os estereótipos sociais de gênero (QUEIROZ; DINIZ, 2012).

A autora, porém, em suas análises não considera a relação entre gênero e patriarcado², afirmando que o conceito de patriarcado já caiu em desuso por ser uma categoria antiga, “a-histórica” e “biologizante”. Contudo, para Saffiotti (2009), pensadora marxista, é necessário valorizar a dimensão histórica do processo de dominação-exploração masculina, a fim de que se perceba a importância e se entenda adequadamente a categoria patriarcado; e ao se afirmar que este tem caráter a-histórico, nega-se a historicidade do fato social, tornando natural o processo de dominação-exploração vivenciado pelas mulheres ao longo da história. Portanto, para Saffiotti (2009), a categoria patriarcado é imprescindível nos estudos de gênero.

Percebe-se que a discussão de gênero é um terreno em constantes tensionamentos, de pensamentos diversos e por vezes distintos. Costa (1994) destaca algumas perspectivas de análises, com as quais a categoria gênero foi se construindo e se constituindo durante seu percurso teórico.

A autora apresenta 5 perspectivas. A primeira trabalha a discussão de gênero como uma **variável binária**. Essa vertente foi formulada no campo de estudos da linguística, sob um viés positivista, na qual os pesquisadores atentavam para correlações estatísticas entre o gênero do interlocutor, diferenciando a linguagem feminina da masculina. Já a segunda vertente discutia o gênero enquanto **papéis dicotomizados**, em que se enfatizava o caráter social do gênero, compreendido como os papéis assumidos pelos indivíduos na sociedade. Ou seja, a ênfase era dada às representações sociais de feminino e masculino que são moldadas na sociedade. A terceira linha de estudo corresponde ao **gênero como variável psicológica**. Nesse campo o gênero é tido como uma orientação ou força da personalidade, analisado a partir de coeficientes, numa escala de grau, onde se tem o coeficiente de alta masculinidade e feminilidade, tendo a androgenia como uma combinação das pontuações elevadas. A quarta vertente refere-se ao gênero como **sistemas culturais** partindo do pressuposto de que as diferenças entre homens e mulheres deve-se ao fato de que estes vêm de diferentes subculturas sociolinguísticas “em que aprenderam diferentes regras para interação, diferentes modos de discurso, (...) e diferentes direitos e deveres de falar e ouvir (COSTA, 1994, p. 154); e por fim, a quinta vertente aponta o gênero como **relacional**, analisa o sistema social de relacionamentos em que estão situados os interlocutores. Na verdade, inúmeras abordagens que utilizam gênero o fazem utilizando essas diferentes linhas de análise, mesclando-as.

No campo do marxismo, busca-se trabalhar numa relação dialética, considerando as subestruturas básicas de poder da sociedade capitalista. Aqui destacamos as análises de Saffiotti (1987) que, a nosso ver, amplia a discussão através de elementos como classe, gênero, raça/etnia. Estes constituem três antagonismos que, segundo a autora, se entrelaçam e formam um nó, apresentando uma lógica contraditória (SAFFIOTTI, 1987). Assim, o nó apresentado pelo autor tem como proposta analisar a realidade em sua totalidade enquanto resultado dessa complexa junção, composta por essas três contradições,

trazendo características distintas das determinações que as integram (QUEIROZ; DINIZ, 2012). O referencial marxista nos permite uma análise mais ampla e consistente da realidade, imprimindo não só o caráter crítico, mas uma perspectiva de totalidade, processualidade histórica e confronto com as contradições existentes na realidade.

Vale ressaltar que os estudos sobre gênero tiveram uma grande contribuição do movimento feminista, que passa a utilizar o conceito de gênero como ferramenta explicativa para as desigualdades históricas entre homens e mulheres. Contudo, o próprio feminismo é um movimento extremamente heterogêneo, se constituindo em um

conjunto de ideias e práticas políticas como também um movimento teórico que busca desnaturalizar as relações e superar as desigualdades entre homens e mulheres e acabar com as situações de opressão, exclusão das mulheres (FARIA; NOBRE, 1997 apud FEITOSA, 2012, p.14).

Dessa maneira, as feministas foram inovadoras nas suas perspectivas de análises, incorporando novos estudos, ampliando discussões, inserindo debates polêmicos (a abordagem de temas que questionavam a sexualidade heteronormativa, a reivindicação do direito ao aborto, a maternidade como opção, a denúncia da jornada de trabalho excessiva das mulheres, a educação sexista etc.) em uma sociedade arraigada de preconceitos, normas e condutas opressoras (MACIEL, 2009).

Assim, o percurso trilhado para a constituição da categoria gênero foi condicionado por diversos fatores, perpassando desde a formação histórica do patriarcado ao desenvolvimento de espaços teóricos e políticos do movimento feminista. Desse modo, os estudos de gênero na análise relacional homem/mulher passam por perspectivas que enfatizam ora a abordagem histórico/ontológica, ora a abordagem simbólico/cultural.

Diante desse contexto de diferentes perspectivas teóricas, queremos aqui chamar atenção para duas delas: a marxista e aquelas ligadas à tendência pós-moderna, com ênfase no pós-estruturalismo. Do nosso ponto de vista, tais concepções partem de pressupostos inconciliáveis e, por isso, apresentam formas de análise da realidade opostas. Enquanto o marxismo parte de uma análise crítico-dialética, enfatizando as categorias de totalidade, historicidade e contradição, com vistas à transformação social, o pensamento pós-moderno, que não é unívoco, nega todos esses elementos pautando-se num discurso baseado no subjetivismo e particularismos, no qual a realidade é vista como um amontoado de fragmentos desconexos. Para entender melhor essa divergência, buscaremos agora discutir alguns elementos que constituem a base dessas duas perspectivas de análise.

Marxismo e pós-modernidade: principais categorias de análise

Na conjuntura contemporânea pode-se observar que nos estudos sobre gênero a tendência pós-moderna vem ganhando cada vez mais espaço com uma vasta produção, tratando o gênero enquanto categoria fluída e de identidades transitórias, deslocando os sujeitos da teoria de classe, analisando-o a partir das suas individualidades, sem considerar o contexto histórico, político-econômico e social.

O pensamento pós-moderno nega os conhecimentos totalizantes e os valores universalistas, enfatizando o particularismo e a diferença, gerando um embate teórico-político não só nas discussões de gênero, mas na sociedade como um todo. Na concepção pós-moderna a realidade é tomada como um amontoado caótico de fragmentos que jamais poderá ser unificada (TONET, 2006). O marxismo passa a ser interpretado como um modelo insuficiente e determinístico que não possui condições de “captar as expressões da subjetividade, da cultura, do simbólico, do imaginário, do cotidiano e das representações sociais” (SIMIONATTO, 2009, p.05). Assim, as perspectivas pós-modernas adotam um modelo de análise da realidade mais flexível sob uma perspectiva fragmentária e subjetivista, que recusa modelos de análises abrangentes.

Destarte, as práticas discursivas tornam-se centrais na produção do conhecimento, havendo um superdimensionamento do cotidiano, em que se privilegiam a heterogeneidade e a ênfase na diferença (HARVEY, 1992).

No campo das ciências sociais, desencadeiam-se polêmicas metodológicas, buscando-se convencer que as abordagens individualistas e culturalistas permitem uma aproximação maior com o mundo vivido pelos sujeitos sociais. Prioriza-se a esfera da cultura como chave das análises dos fenômenos contemporâneos, deslocada, no entanto, da totalidade social (SIMIONATTO, 2009, p.07).

O conhecimento passa a ser codificado de diversas formas, partindo para teorias no campo da linguagem, como é o caso do pós-estruturalismo e do desconstrucionismo, que constroem e desconstroem os significados de um texto por meio de combinações. Ou seja, “o efeito é quebrar (desconstruir) o poder do autor de impor significados ou de oferecer uma narrativa contínua” (HARVEY, 1992, p. 55). Entre alguns pensadores dessa vertente se encontram Jacques Derrida e Michael Foucault, este último considerado provedor de ideias, principalmente em suas primeiras obras, que se tornam fonte fecunda da argumentação pós-moderna. Foucault traz a noção de poder localizado, poder-discurso numa perspectiva pluralista, de que os grupos devem falar por si, com sua própria voz, não se engajando em nenhum tipo de projeto global. Assim, a resistência ocorre por meio de lutas segmentadas, no mundo dos micropoderes e da micropolítica.

A realidade e a experiência humana passam a ser expressas apenas por signos de linguagem, nos quais a interpretação desse processo não tem espaço para outras possibilidades analíticas. Se na concepção moderna a realidade constituía-se uma unidade, para o pensamento pós-moderno esta é tida como uma variedade de fragmentos aleatórios, que nunca poderão ser unificados (TONET, 2006).

Nessa perspectiva, a identidade torna-se, então, uma variável fluída e suscetível a mudanças. Essa é a perspectiva da Teoria *Queer*, corrente teórica que tem origem nos Estados Unidos na década de 1980, sendo resultado do encontro entre “uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, que problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação” (MISKOLCI, 2009, 151). De acordo com Louro (2001), o termo *queer* pode ser designado como algo excêntrico, estranho, ridículo, representando a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, constituindo-se uma oposição à heteronormatividade e à normatização da sexualidade. Aqui não se tem uma identidade fixa, e sim uma espécie de “permutação” entre elas de acordo com o modo de sentir do indivíduo.

Judith Butler³, teórica *queer*, ao problematizar as discussões de gênero, especificamente no tocante à mulher e ao feminismo, nega a relação histórica de gênero e patriarcado, pois “a universalização do patriarcado reduz as distintas formas em que são estabelecidas a assimetria entre os gêneros nas diferentes culturas” (OLIVEIRA, 2008, p. 04). Segundo ela, ao se atribuir essa relação prioriza-se o patriarcado, assim ele deixa de ser histórico passando a ser uma dominação inevitável, atribuindo-lhe maior importância. Para a autora, ao se enfatizar a questão da identidade feminina comum a todas as mulheres e a opressão masculina, termina-se por deixar as outras formas de dominação de lado. Dessa maneira, o termo mulher não necessita de uma identidade para ser completo, pois acredita-se que as identidades em si mesmo são vazias, sendo constituídas e dissolvidas de acordo com cada ação (OLIVEIRA, 2008).

Na concepção de Butler, “o gênero é um processo que não tem origem nem fim, de modo que é algo que ‘fazemos’, e não algo que ‘somos’” (SALIH, 2012, p. 67). Nessas condições, então, o gênero é visto como uma sequência de atos em constantes transformações. Como o gênero é colocado no campo do discurso, já que a autora trabalha numa perspectiva da linguística, ele será construído através do discurso. Isto porque Butler se embasa nas ideias foucaultianas sobre discurso enquanto “grandes grupos de enunciados” que regem nossa forma de falar, assim, o gênero é considerado por ela como resultado do discurso e da lei (SALIH, 2012).

Em contraponto a tal posição, para Saffioti (2009) o sexo e o gênero consistem em uma unidade, “uma vez que não existe uma sexualidade biológica, independente do contexto social em que é exercida” (SAFFIOTI, 2009, p. 15). Corroboramos com as ideias de Saffioti (2009), pois acreditamos que a vida social é formada por uma totalidade articulada de complexos sociais parciais, nexos e relações estabelecidas entre os indivíduos (SANTOS, 2009). Desarticular os sujeitos do contexto social, priorizando apenas uma análise culturalista e subjetiva, é desconectá-lo da realidade social.

Como já apontado anteriormente, Saffioti (2009), pesquisadora do campo marxista, discute o gênero fazendo a relação com o patriarcado, já que a base material deste não foi destruída, produzindo, assim, uma hierarquia entre homens e mulheres, com predominância do sexo masculino. Desse modo, o patriarcado é regido pela dinâmica entre controle e medo (SAFFIOTI, 2004), em um processo de dominação-exploração que não encontra solução no regime capitalista, visto que este se apropriou do patriarcado e intensificou ainda mais essas desigualdades. Porém, essa contradição pode ser superada a partir do momento em que se propõe “transformações radicais no sentido da preservação das diferenças e da eliminação das desigualdades, pelas quais é responsável a sociedade” (SAFFIOTI, 2009, p. 14). Dessa forma, a autora busca discutir as relações patriarcais de gênero a partir de uma análise crítica dialética, pontuando a lógica contraditória presente na realidade social e propondo a superação do capitalismo-patriarcado como solução.

Tomando como base esses elementos até aqui abordados, debruçaremos nossa discussão na análise dos dados coletados nas produções publicadas nos anais do Seminário Internacional Desfazendo Gênero.

Tendências contemporâneas na discussão de gênero: análise dos anais do Seminário Internacional Desfazendo Gênero.

Metodologia

Como já mencionado anteriormente, o objetivo deste trabalho é analisar de que forma vem se dando a discussão sobre a categoria gênero contemporaneamente. Desse modo, buscamos delimitar o estudo do nosso objeto fazendo um recorte dessa discussão a partir da análise dos anais do Seminário Internacional Desfazendo Gênero. A escolha por este evento se deu inicialmente por se tratar de um evento que objetivou discutir a categoria gênero, mas não só por esse motivo. Percebe-se a influência da Teoria Queer na concepção do encontro desde o título do evento, pois sua proposta é “desconstruir/desfazer o gênero”. Além disso, ele é um dos mais recentes eventos sobre gênero e está em sua primeira versão, nos trazendo um debate com produções mais atuais e de diversas áreas do conhecimento.

O caminho metodológico da pesquisa buscou evidenciar o nosso objeto de estudo inserido num conjunto de relações, o que implica analisá-lo de forma que possamos apreender os determinantes que o compõem tanto do cenário sócio-histórico, político-econômico quanto cultural e ideológico. Desse modo, buscamos capturar o fenômeno “em seu complexo e contraditório processo de produção e reprodução, determinado por múltiplas causas na perspectiva de totalidade como recurso heurístico” (BEHRING; BOSCHETTI, 2010, p. 38).

Assim, a pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, uma vez que ela “responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças e valores (MINAYO, 2000, p. 22).

Nesse sentido, adotamos a metodologia da pesquisa bibliográfica documental, a qual possibilita a análise do objeto de estudo através das produções de conhecimento já existentes e compartilhadas, principalmente em livros e artigos científicos. Fizemos um roteiro de leitura de cada obra, distinguindo seu

objetivo de análise, seu referencial teórico e sua contribuição para o estudo, apontando também ao final nossas reflexões e questionamentos.

Com vistas a alcançar o objetivo proposto por este trabalho, o processo da coleta de dados foi realizado a partir de algumas fases. Inicialmente, realizamos uma busca no *site* do evento, no qual se encontrava o documento que contém todos os trabalhos completos de comunicação oral publicados. O critério estabelecido para escolha da amostra foi priorizar comunicações orais que contivessem a palavra gênero em seu título, tendo em vista que este era o foco da nossa discussão.

Nesse primeiro momento, foram encontrados 53 (cinquenta e três) artigos. Após a leitura dos resumos dos artigos, escolhemos 51 (cinquenta e um), pois observamos que apesar de ter o termo gênero no título dos artigos nem todos apresentaram a discussão sobre gênero no corpo do trabalho. Portanto, nossa análise se deu com 51 artigos. Utilizamos a análise temática com vistas a analisar o significado dos textos selecionados. Para isso, construímos grades de análise qualitativas que nos permitiu ir comparando o material selecionado e analisando os significados atribuídos pelos/as autores/as. Elaboramos também um roteiro que direcionasse a nossa leitura, o que proporcionou uma análise mais atenta respondendo aos questionamentos do investigador/a.

Em seguida, fizemos o fichamento das produções, em que tentamos identificar os referenciais bibliográficos mais citados, com o intuito de verificar quais os/as autores/as que vêm se destacando nas discussões de gênero e suas contribuições, bem como evidenciar as perspectivas teóricas que estão sendo usadas ao trabalhar as questões de gênero. Nesse processo, também, procuramos visualizar as categorias, inseridas no campo dos estudos de gênero, que se sobressaíram e a que corrente de análise elas se relacionavam.

Caracterização dos/as autores/as

Como se trata de uma análise documental bibliográfica, acreditamos ser interessante traçar a caracterização dos/as autores/as dos artigos analisados. Nesse processo foram observados as seguintes informações: sexo, nível de formação, curso ou área e instituição a que se vincula o/a autor/a. Essa caracterização foi realizada a partir das informações fornecidas pelos próprios autores/as nos seus trabalhos. Desse modo, as produções que não possuíam informações suficientes sobre seus autores/as estão enquadradas na classificação “sem informação”.

De acordo com os dados coletados nos anais do Seminário Internacional Desfazendo Gênero, verificamos no quesito quantidade de autores/as por sexo que 68 (sessenta e oito) dos/as autores/as pertencem ao sexo feminino e 24 (vinte e quatro) ao sexo masculino, totalizando 92 (noventa e dois) autores, lembrando que a quantidade de autores/as é superior ao número de trabalhos, visto que havia produções com mais de um autor/a.

No que se refere ao nível de formação observamos que, do total de 92 (noventa e dois) autores/as, 27 (vinte e sete) possuem nível de pós-graduação, o que corresponde a 29, 35% dos/as autores/as, sendo superior a quantidade de autores/as com nível de graduação, como aponta o quadro abaixo:

Quadro 1: Nível de Formação dos/as Autores/as

NÍVEL DE FORMAÇÃO	QUANTIDADE DE AUTORES/AS	PERCENTAGEM
GRADUAÇÃO	16	17,39
MESTRADO	16	17,39
DOCTORADO	11	11,96
<i>Cont.</i>		

S/ INFORMAÇÃO	49	53,26
TOTAL	92	100%

Fonte: Costa e Lima. Quadro desenvolvido pelas autoras, 2015.

Em relação ao curso ou área de formação dos/as autores/as, encontramos uma grande diversidade entre eles/as, o que mostra como a discussão sobre gênero abrange várias áreas do conhecimento, nos permitindo supor que essa diversidade de áreas influencia nas diferentes perspectivas teóricas e formas de interpretação da realidade e suas concepções sobre a categoria gênero. Porém, ainda há uma maior concentração de autores/as na área das ciências humanas, principalmente nos cursos de Serviço Social, Educação e Psicologia. Chamamos atenção à grande quantidade de autores/as que não apresentaram informação, que corresponde a 44 (quarenta e quatro), porém durante a leitura dos trabalhos verificamos que a maioria das temáticas era referente à área da educação, o que indica que esse número poderia ser maior caso as informações estivessem completas.

Quadro 2: Área de formação dos/as Autores/as

ÁREA	QUANTIDADE DE AUTORES/AS	PERCENTUAL
AGROECOLOGIA	1	1,09
AGRONOMIA	1	1,09
ANTROPOLOGIA	3	3,26
CIÊNCIAS SOCIAIS	2	2,17
COMUNICAÇÃO	3	3,26
CULTURA	2	2,17
DIREITO	3	3,26
EDUCAÇÃO	7	7,61
EDUCAÇÃO FÍSICA	3	3,26
HISTÓRIA	1	1,09
PEDAGOGIA	2	2,17
PSICOLOGIA	6	6,52
SERVIÇO SOCIAL	8	8,70
SOCIOLOGIA	5	5,43
LETRAS	1	1,09
S/INFORMAÇÃO	44	47,82
TOTAL	92	100%

Fonte: Costa e Lima. Quadro desenvolvido pelas autoras, 2015.

Quanto ao quesito autores/as por instituição a qual estão vinculados, a partir do quadro a seguir é possível visualizar a participação por região do país, em que podemos destacar a região Nordeste: de um total de 31 (trinta e uma) instituições, o Nordeste apresenta 13 (treze), o que corresponde a 42% (quarenta e dois por cento) dos trabalhos. Essa predominância pode ser explicada pelo fato de o evento ter sido

realizado no Nordeste, o que facilita a participação dos que moram mais perto. Além disso, também podemos verificar a presença maciça das universidades públicas, principalmente as federais.

Quadro 3: Instituições a que se vinculam os/as autores/as

INSTITUIÇÃO	QUANTIDADE DE AUTORES/AS	PERCENTUAL	INSTITUIÇÃO	QUANTIDADE DE AUTORES/AS	PERCENTUAL
UFMG	1	1,09	UFPA	2	2,17
UERN	3	3,26	UFPB	3	3,26
UEPB	3	3,26	UFPR	3	3,26
FIP	1	1,09	UFRJ	2	2,17
FSA	1	1,09	UFRN	16	17,39
FURG	2	2,17	UNIR	3	3,26
PUC (MG)	1	1,09	UFRPE	1	1,09
UECE	6	6,52	UFRRJ	1	1,09
UEFS	1	1,09	UFSE	1	1,09
UERJ	4	4,34	UFSM	4	4,34
UFAL	3	3,26	UNESP	7	7,61
UFBA	5	5,43	UNICAMP	1	1,09
UFC	4	4,34	UPE	1	1,09
UFCE	3	3,26	URCA	3	3,26
UFCG	3	3,26	USP	1	1,09
UFJF	2	2,17			
TOTAIS		AUTORES/AS: 92		PERCENTUAL: 100%	

Fonte: Costa e Lima. Quadro desenvolvido pelas autoras, 2015.

Análise dos elementos teóricos das produções

Ao analisar as discussões apresentadas nos artigos escolhidos, foi possível verificar que estas permeiam por variados campos, entre eles conseguimos identificar o cultural e o literário, desde movimentos musicais ao das artes cênicas e mídias sociais. Em sua maioria, buscavam trazer uma reflexão sobre as desigualdades de gêneros presentes nos discursos enquanto uma construção cultural. Os elementos de análise faziam referência à estética, à narrativa e aos discursos presentes na obra, embasado nos conceitos de poder simbólico, relações de poder, dominação masculina, termos presentes nos estudos de Scott, Bourdieu e Foucault, como podemos observar nos trechos retirados de alguns dos trabalhos:

Assim, a voz narrativa desta autora, nesse processo de constituição identitária, quando inclui à questão de raça se compõe como uma dupla inscrição de outras vozes na literatura contemporânea (OLIVEIRA, V. B de, p. 337, grifos nossos). Objetivando problematizar a participação das mulheres na política a partir de suas vozes, experiências e trajetórias políticas, utilizamos a investigação narrativa (ÁVILA, D. A; RIBEIRO, P.R.C, p. 69, grifos nossos).

O trabalho foi realizado, tendo em vista a leitura e análise do livro acima mencionado, relacionando os discursos encontrados nas vozes dos personagens com os conceitos apreendidos... (NUNES, K. A, p. 972, grifos nossos).

Aqui os/as autores/as se utilizam de recursos da área da linguística para atribuir significados a estruturas de símbolos. Esse raciocínio é típico das perspectivas estruturalista e pós-estruturalista, em que “o sujeito não é um indivíduo, mas uma estrutura linguística em formação” (SALIH, 2012, p. 11). Dessa maneira, o discurso se sobressai nas análises, pois é a partir dele que se trabalham as “representações” de gênero. Nessa concepção teórica, a interpretação da realidade se dá através da comunicação e a linguagem seria o fundamento da cultura (COUTINHO, 2010).

Dentre outros aspectos, também podemos destacar alguns termos que apareceram de forma recorrente nas produções, principalmente em discussões que se concentravam no campo da educação ao abordarem gênero e sexualidade e em que eram recorrentes os termos **performatividade e Teoria Queer**.

Orientação teórico-epistemológica da pesquisa – a Teoria Queer – em particular as contribuições de Judith Butler com o conceito de performatividade (MARTINS, J.R.V, p. 888 grifos nossos).

No texto que se segue, tratamos também um currículo de medicina em sua performatividade de gênero (LEITE, A. F dos S; OLIVEIRA, T. R. M de, p. 457, grifos nossos).

Analisando seu perfil à luz da Teoria Queer, tanto Diadorim como Riobaldo estabelecem seu gênero por meio da performatividade, prática reiterada de comportamentos e discursos, mediante os quais o sexo e o gênero são materializados no corpo (GALLAS, A.K.C, p. 71 grifos nossos).

Essas duas categorias, performatividade e Teoria Queer, constituem elementos fundamentais das pesquisas da autora Judith Butler. Como Butler trabalha sob uma perspectiva da linguística, ela busca descrever as formas que a identidade vai sendo construída por meio dos processos da linguagem e do discurso (SALIH, 2012). Assim, para a autora “a linguagem que se refere aos corpos ou ao sexo não faz apenas uma constatação ou uma descrição desses corpos, mas no instante mesmo da nomeação constrói, ‘faz’ aquilo que nomeia, isto é, produz os corpos e os sujeitos” (LOURO, p. 548, 2001), o que leva Butler a inferir que as identidades não são fixas ou autoevidentes, mas sim produzidas.

No que se refere à Teoria Queer, Butler a considera como uma espécie de momento contínuo e recorrente, o qual “não está preocupado com definição, fixidez ou estabilidade, mas é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação” (SALIH, 2012, p. 19). Dessa forma, para “os teóricos e teóricas *queer* é necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão” (LOURO, p. 549, 2001). Esse caráter transgressor, a forma como foge e faz a crítica às normas, o estar no campo da abjeção, o ser subversivo, imprime um certo ar de revolucionário, o que torna a Teoria Queer tão sedutora para os/as pesquisadores/as contemporâneos.

Outro elemento que se destacou nas produções foram as análises por meio de pesquisas **etnográficas**, como evidenciam os trechos a seguir:

A pesquisa de campo, de cunho etnográfico, foi realizada em duas praças da cidade, a Praça Portugal e a Praça Verde do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC) (JOCA, A. M, p, 110, grifos nossos).

Adotamos também as contribuições de André (1995) no tocante à etnografia da prática escolar e a investigação do cotidiano escolar (BARATA, C. G; COELHO, W de N. B, p. 1201, grifos nossos).

*Por meio da **etnografia**, objetivou-se descrever e analisar, com foco nos temas do gênero e da sexualidade, as experiências educativas de atletas de futebol feminino (JARDIM, J.G, p. 864, grifos nossos).*

O método etnográfico, muito comum no campo da antropologia, tem como base a cultura para a interpretação da realidade, trabalhando com a ideia de significação dos símbolos. De acordo com Malinowsky (1922, apud LIMA ET AL, 1996, p. 24), a etnografia diz respeito à “compreensão do ponto de vista do outro, sua relação com a vida, bem como a sua visão do mundo”.

Assim, o uso desse método se dá por meio de estudos de campo em que o/a pesquisador/a passa por um período de convivência com o grupo ou comunidade investigada. Dessa forma, “Mais do que tentar entender o *significado* atribuído à determinada prática, o esforço é no sentido de entender *como* os significados se manifestam e constituem um universo cultural particular” (GOELLNER et al., 2010, p. 384). Todo o esforço do/a pesquisador/a, na etnografia, consiste em não partir de análises ou explicações que fujam daquele universo cultural que está estudando e compreender o significado atribuído pelo *outro*.

A maioria das produções que apresentou esse tipo de pesquisa se concentrou no campo da educação, em que as questões de gênero eram abordadas a partir da observação dos grupos, analisando o comportamento, os costumes, etc.

Já sobre a discussão sobre **patriarcado**, quando encontrada nas produções, não havia uma maior problematização. Dentre as 51 (cinquenta e uma) produções analisadas, apenas 3 (três) delas trabalhavam com as relações patriarcais de gênero. Nas demais, o termo mais usado era “dominação masculina”, na perspectiva de Bourdieu. É interessante assinalar, também, que a categoria patriarcado é abordada nas produções que tratam sobre a temática da divisão sexual do trabalho, trabalho e mulher ou trabalho feminino. Constatamos que na temática ligada ao trabalho e à materialidade da vida, os trabalhos permanecem ligados à perspectiva crítica dialética e incorporam a discussão do patriarcado a questões ligadas à materialidade da vida, como podemos ver nos trechos destacados abaixo:

*(...) o objetivo de refletir sobre a relação entre a construção social da noção do ser **mulher e as relações patriarcais de gênero**... (BRITO, P.G.N de; MADUREIRA, A de, p. 195, grifos nossos).*

*(...) podemos inferir que essa divisão reafirma a subalternização **dos trabalhos femininos**, o que nos leva a velha discussão que aponta o lugar do feminino e do masculino; de modo que o feminino, influenciado pela sociedade conservadora e **patriarcal** (NASCIMENTO, C.S et al, p. 851, grifos nossos).*

*E que a partir da **divisão sexual do trabalho**, existem as desigualdades de gênero devido à absorção da ideologia **patriarcal** (ROCHA, N. G. et al, p. 776 grifos nossos).*

Na concepção de Saffioti (2004), não é conveniente o uso exclusivo do conceito de gênero, visto que esta é uma categoria muito ampla e palatável, chegando a ter um cunho bem mais ideológico, mas sim “o uso simultâneo do conceito de gênero e patriarcado, já que um é genérico e o outro específico dos últimos seis ou sete milênios, o primeiro cobrindo toda a história e o segundo qualificando o primeiro” (SAFFIOTI, 2004, p. 132). Nesses termos, vemos não só a necessidade de relacionar o patriarcado nos estudos sobre gênero, como também apreender que a naturalização do patriarcado inviabiliza uma análise crítica da realidade, uma vez que tal categoria fornece importantes elementos históricos e políticos para subsidiar uma análise mais aprofundada da sociedade.

Diante dos elementos até agora destacados, já podemos ter uma noção do referencial teórico mais utilizado pelos/as autores/as. Sem dúvida, a perspectiva de análise que embasou a maioria das produções no Seminário Desfazendo Gênero foi a pós-estruturalista, com ênfase nos estudos de Michael Foucault, Judith Butler e Guacira Louro. Atualmente tais perspectivas (Teoria Queer ou com ênfase na desconstrução

ou nos microespaços, abordagens culturalistas) tornaram-se vertentes de grande proliferação nas pesquisas sobre gênero no campo das ciências sociais e humanas.

Considerações finais

A trajetória teórico-metodológica deste trabalho nos permitiu aprender de que forma a categoria gênero vem sendo discutida no campo acadêmico, nesse caso específico por meio da apreciação das produções publicadas nos anais do Seminário Internacional Desfazendo Gênero, a partir do qual foi possível verificar que rumos essa discussão vem tomando no cenário contemporâneo.

Destacamos aqui a complexidade dessa categoria que possui um amplo espaço de disseminação nas diversas áreas do conhecimento e é discutida em diferentes perspectivas teóricas, como pudemos verificar nos dados levantados pela pesquisa. Isto ocorre em virtude de a discussão sobre gênero não está limitada apenas a uma linha de estudo, mas a diversas questões que permeiam o conjunto das relações sociais. Ela abrange elementos referentes às desigualdades sociais, à organização do trabalho, aos sistemas de poder, às instituições normativas, simbólicas e culturais, dentre outros aspectos (SILVA, 2012).

Mesmo tendo ganhado expressão por meio do movimento feminista, mais especificamente a partir dos estudos sobre as mulheres, a categoria gênero também se estende ao campo de análise da diversidade sexual, o que amplia ainda mais seu arsenal de discussões.

Levando em consideração todos esses elementos, podemos visualizar essas diferentes perspectivas teóricas e campos de estudos nos trabalhos analisados. Porém, verificamos, a partir do levantamento de referenciais teóricos, metodologias e categorias de análises utilizadas pelos/as autores/as dos trabalhos, que a tendência pós-moderna foi a que concentrou a maior quantidade de trabalhos nos estudos de gênero.

Isso fica mais evidente pela grande quantidade de autores/as que utilizaram referenciais como o de Butler para discutir as questões de gênero como um viés subversivo, tomando como base a Teoria Queer e os conceitos de performatividade e inteligibilidade e/ou se embasando nas ideias de Foucault, analisando o contexto no campo da micropolítica, separando o sujeito da totalidade social.

As discussões que tiveram como base uma análise crítica, numa linha marxista, apareceram em poucos trabalhos, os quais trabalhavam com a ideia de relações patriarcais de gênero, embasadas na perspectiva de Saffioti.

Essa discrepância, entre a tendência pós-moderna e a marxista, na produção de trabalhos sobre os estudos de gênero só confirma a notória profusão dessa linha de pensamento na academia. Essa tendência se caracteriza, principalmente, pelas suas análises culturalistas ou desconstrutivistas regadas pelo subjetivismo, em que há uma valorização excessiva do discurso, apresentado como construtor da própria realidade. Nas palavras de Louro (2001, p. 548), “a linguagem [...] no instante mesmo da nomeação, constrói, ‘faz’ aquilo que nomeia [...]”.

Nessa perspectiva, não se discute a conjuntura e os determinantes que estão envoltos nesse indivíduo, a sua relação com o todo, até mesmo porque esse indivíduo só existe fazendo parte de uma estrutura linguística. O que se vê são narrativas descritivas que não buscam fazer a crítica à ordem vigente, mas que se preocupam em enfatizar as diferenças, a descontinuidade e a desconstrução. Desse modo, do nosso ponto de vista, os discursos pós-modernos acabam contribuindo e favorecendo a ordem do capital ao incentivar as análises fragmentárias, a ênfase no indivíduo ensimesmado e a superficialidade.

De acordo com Tonet (2009), é justamente essa falta de radicalidade que concretiza o hiato existente entre as correntes sociais e a compreensão da realidade social enquanto uma totalidade, assumindo, então, um caráter manipulatório que fragmenta e fetichiza a realidade, dando margem à intensificação do irracionalismo científico.

Desse modo, mesmo que essas tendências pós-modernas queiram discutir gênero numa concepção de subversão ou transgressão, a ausência de uma análise histórico-crítica acaba por deixar o sujeito alheio ao conjunto das relações sociais no qual está inserido e do qual é produto e produtor. Destarte, para realizar a crítica profunda à ordem instituída, capitalista-patriarcal, heteronormativa e preconceituosa, é necessário não perder de vista que o indivíduo não é fragmento, discurso, performance. Ele é “na realidade o conjunto das relações sociais” (MARX, 1991, p. 13) e essa análise só é possível a partir de uma perspectiva de totalidade.

Referências

- ANAIS COMPLETO DO SEMINÁRIO INTERNACIONAL DEZFAZENDO GÊNERO.** Disponível em: <http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1756520&key=0741b5bed3f81acd352e9ae60d41be44>. Acesso em: 20/12/2014.
- ÁVILA, D. A; RIBEIRO, Paula Regina C. Gênero e política: discutindo a participação de mulheres na política partidária. In: **Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Natal, 2013.
- BARATA, Camille G; COELHO, Wilma de Nazaré B. Etnografia Escolar – Identidades e (re) significações de gênero nas relações sociais entre estudantes do Ensino Fundamental no Pará. In: **Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Natal, 2013.
- BEHRING, E; BOSCHETTI, I. **Política Social: fundamentos e história**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BRITO, Priscilla G. Nascimento de; MADUREIRA, Antoinette de. Patriarcado e Piriguete: uma análise de gênero. In: **Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Natal, 2013.
- CADERNO DE RESUMOS DO SEMINÁRIO INTERNACIONAL DEZFAZENDO GÊNERO.** Disponível em: <http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1593823&key=42b9a8ab6ba5f6775ee3143dfb1d108e>. Acesso em: 20/12/2014.
- COSTA, Claudia de Lima. O Leito de Procusto: Gênero, Linguagem e as Teorias Feministas. **Cadernos Pagu**, 1994.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- FEITOSA, Sônia de M. Patriarcado e música de forró: uma análise de gênero. In: GURGEL, Telma. QUEIROZ, F.M. **Gênero e Serviço Social: múltiplos enfoques**. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2012. p. 13-35.
- GALLAS, Ana Kelma C. Mulher-macho, sim senhor: discutindo a ambiguidade de corpos e de gênero na literatura brasileira. In: **Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Natal, 2013.
- GOELLNER, S. V. et al. Pesquisa qualitativa na educação física brasileira: marco teórico e modos de usar. **Revista da Educação Física (UEM)**, v. 21, n. 3, p. 381-410, 2010.
- HARVEY, David. **A condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.
- JARDIM, Juliana G. Desconstruindo gênero e sexualidade no futebol feminino: o que a experiência ensina?. In: **Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Natal, 2013.
- JOCA, Alexandre M. Estilos, Gênero e Sexualidades em “*Tempos de Misturas*” Juvenis. In: **Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Natal, 2013.
- LEITE, Andreia Felipe dos S; OLIVEIRA, Thiago. Ranniery M. de. Trilhas de gênero, armadilhas do pensamento: políticas da masculinidade em um currículo de medicina. In: **Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Natal, 2013.
- LIMA, C.M.G. de; DUPAS, G.; OLIVEIRA, I.de; KAKEHASHI, S. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. **Rev. Latino-Am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 4, n.1, p. 21-30, janeiro 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v4n1/v4n1a03>. Acesso em: 17/01/2015.
- LIMA, Marwyla Gomes de. A importância da análise das relações patriarcais de gênero para compreensão da lei Maria da Penha. In: LIMA, R. L.; GURGEL, Telma.; LIMA, R. L.; GURGEL, Telma. QUEIROZ, F.M. **Gênero e Serviço Social: múltiplos enfoques**. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2012. p.81-96
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2000. p. 04-23.
- LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Rev. Estudos Feministas**. 2001, vol.9, n.2, pp. 541-553.
- MACIEL, Telma. Feminismo e luta de classe: a auto-organização das mulheres pela história. **Consulta popular**: Caderno de debates. São Paulo: n. 1, p. 08-25, jun. 2009
- MARTINS, João Rodrigo.V. Generificação dos Corpos: Performatividade de Gênero e Educação Infantil. In: **Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Natal, 2013.
- MARX, Karl. **A ideologia Alemã (Feuerbach)**. 8ª ed. (trad. de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira). São Paulo: Ed. Hucitec, 1991.
- MINAYO, C.S; GOMES, S.F.D.R. (orgs.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 17 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

- MISKOLCI, Richard. Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: IEG-UFSC, 2009, v.17.
- NASCIMENTO, Chrislayne C. S. et al. Gênero e trabalho: uma análise das cooperativas de catadores de materiais recicláveis de Natal-RN. In: **Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Natal, 2013.
- NUNES, Kenia. A. A estrela do sertão: gênero e sexualidade em Macabéa. In: **Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Natal, 2013.
- OLIVEIRA, Adriana Vidal de. A Teoria de Judith Butler: Implicações Nas Estratégias De Luta Do Movimento Feminista. Salvador – BA. 2008.
- OLIVEIRA, Verônica. B de. Representações de gênero e corpo afro-brasileiro em “Ponciá Vicêncio”, de conceição Evaristo. In: **Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Natal, 2013.
- QUEIROZ, Fernanda Marques de; DINIZ, Maria Ildiana. Prostituição e relações patriarcais de gênero: apontamentos para reflexão. In: LIMA, R. L.; GURGEL, Telma; QUEIROZ, F.M. **Gênero e Serviço Social: múltiplos enfoques**. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2012. p.187-231
- ROCHA, Nathália G. et al. Cooperativas de catadores de materiais recicláveis de Natal – RN: uma análise de gênero. In: **Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Natal, 2013.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. **Estudos e Ensaio**, FLASCO-Brasil, 2009.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- _____. **O poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: autêntica, 2012.
- SANTOS, Silvana M. M dos. Direitos, desigualdades e diversidade. In: BOSCHETTI, Ivonete; BEHRING, Elaine R.; SANTOS, S. M. M.; MIOTO, R. C. T.; **Política social no capitalismo: tendências contemporâneas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p.64-86.
- SILVA, Claudia Gabriela da. Mulheres e Criminalidade: vítimas ou sujeitos? In: LIMA, R. L.; GURGEL, Telma. QUEIROZ, F.M. **Gênero e Serviço Social: múltiplos enfoques**. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2012. p.207-229.
- SIMIONATTO, Ivete. As expressões ideoculturais da crise capitalista na atualidade e sua influência teórico-política. In: ABEPSS/CFESS. **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: ABEPSS/CFESS, 2009.
- TONET, Ivo. Expressões socioculturais da crise capitalista na atualidade. In: ABEPSS/CFESS. **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: ABEPSS/CFESS, 2009.
- _____. Modernidade, pós-modernidade e razão. Maceió-AL. Ago. 2006.

¹ Seminário internacional Desfazendo Gênero: subjetividade, cidadania e transfeminismo. Realizado pelo núcleo Tirésias/UFRN (Núcleo interdisciplinar de Estudos em Diversidade Sexual, Gênero e Direitos Humanos) em Natal/RN nos dias 14 a 16 de agosto de 2013.

² “Sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem” (SAFFIOTI, 1987, p. 16).

³ Destacamos aqui Butler devido ao fato de ela ser considerada uma das autoras mais influentes no campo dos estudos de gênero de abordagem pós-estruturalista.